

Human Rights News

Genebra, 14 de novembro de 2009

Tatiana Moreno
Vickie White

DESTAQUES:

Estados Unidos da América:

A partir de argumentação consistente, os EUA tentam rebaixar suas posições imperialistas. Após serem alvos de uma notícia literalmente bombástica, em que apoiaram a explosão de bombas enviadas pelo Estado de Israel, passaram a ser cada vez mais veemente em seus discursos. Essas duas nações amigas justificaram o ataque como uma maneira de se proteger da difusão de ideais islâmicos que futuramente serão um empecilho na manutenção da paz na região.

China:

Com posições definidas e discursos irônicos, a China se mostrou bem mais liberal do que se podia esperar. A favor dos muçulmanos, foi lutar não por retaliações aos problemas já existentes, mas também por medidas preventivas aos futuros problemas.

Irã:

Seguindo as posições de seu país, altamente extremista e anti-imperialista, o Irã pôde questionar a suposta aliança, dita por ele, interesseira entre os Estados Unidos da América e Israel. Além disso, toda a invasão e o suporte econômico americano pode ser considerado, segundo o Irã, mais um alvo da influência norte americana no oriente. Nessas discussões, mostrou-se convicto de seus ideais e pouco disposto a ceder e a alcançar uma solução.

Arábia Saudita:

Defendendo as posições altamente religiosas como de costume de seu país, a Arábia lutava com o apoio, principalmente, do Irã. Essa se mostrou de extrema importância, para que se possa ter uma boa visão do mundo islâmico.

Comitê dos Direitos Humanos



Genebra - Assim como todo o órgão internacional, a Comissão de Direitos Humanos foi criada em 1946 numa situação extrema de conflitos, após a Segunda Guerra Mundial. O cenário aterrorizador apresentado pela maioria das nações do mundo suplicava por uma organização que pudesse lidar com questões de tamanha importância. Em meio a isso, a necessidade de um órgão que cuidasse do bem estar e da

integridade dos habitantes do planeta também se mostrou importante. Por isso, hoje, o Comitê de Direitos Humanos lida e tenta amenizar conflitos que afrontem a dignidade humana. Como organização de caráter recomendatório e sugestivo preza pela paz e respeito às peculiaridades de cada cultura entre as nações que participem das reuniões.

No encontro dos dias treze e catorze de novembro, vários países de

muita expressão mundial se propuseram a discutir a intolerância religiosa entre o oriente e o ocidente. Em discussões polêmicas, temas como o terrorismo, a criação de estereótipos infundados e preconceito com nações divergentes foram colocados em pauta para que gradativamente se possa alcançar a sonhada paz e de igualdade mundial.

Direitos Humanos? Para quem?

A intolerância religiosa principalmente entre orientais e ocidentais já foi pauta de inúmeras discussões internacionais, principalmente em órgãos como a ONU, que se propõe a balancear conflitos tão acirrados. Apesar de antigo, o tema não pode deixar de ser motivo de revolta e exaltações no comitê. Como de praxe, países como os Estados Unidos da América e França tentam sobrepor os con-

ceitos de direitos humanos dos quais são signatários; entretanto, os países da Liga Árabe, como Irã e Arábia Saudita, em uma visão divergente arriscam-se a defender suas próprias doutrinas de um Estado não – laico que possui seus próprios direitos de defesa aos homens.

Fronte a isso, pode-se dizer que a visão de direito é altamente relativa e vai variar sempre de uma nação para a outra,

por isso, cabe sempre a óbvia visão diplomática que tentaria mediar as discussões sem nunca esquecer-se da própria ideologia de seu país. Por isso, no Comitê de Direitos Humanos todos os conflitos são altamente polêmicos e envolvem uma discussão aprofundada do assunto. Tudo isso dificulta um resultado gratificante das comissões que sempre procuram a imparcialidade e o consenso entre nações.